

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 290
25 de abril de 2015

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Eu queria aqui voltar à questão do método filosófico que nós vimos há duas aulas atrás. Eu li para vocês alguns trechos do livro que eu estou escrevendo a respeito, mas não lembro até onde fui. De maneira que hoje pode ser que a gente volte a ler e comentar alguns trechos que já foram lidos e comentados. Se isso acontecer, não vai fazer mal nenhum.

Como introdução a isso, queria começar pelo seguinte: quando eu era muito jovem, li o livro do Manuel García Morente, *Conceitos Fundamentais da Filosofia*, que é uma gravação transcrita — muito bem transcrita, muito bem redigida — de um curso que ele deu na universidade de Madrid nos anos trinta. E ali, logo de cara, ele dizia o seguinte: “Não podemos dar de antemão um conceito de filosofia. É necessário que você entre na filosofia e através da imersão na experiência você adquira a sua própria vivência da filosofia.”

Eu aceitei isso e fiz de fato a experiência. Porém mais tarde me surge o seguinte problema: se eu não tinha um conceito claro no início e depois da vivência eu ainda não obtive um conceito claro, é evidente que uma vivência não substitui um conceito claro. Eu faço a imersão na vivência e vou continuar com ela, e a filosofia continuará para mim sendo uma névoa; um conjunto de possibilidades ilimitado que nunca me esclarecerá qual é propriamente a minha obrigação dentro daquilo. Ou seja: o que estou fazendo, por que estou fazendo e para quê estou fazendo.

Eu nunca encontrei em parte alguma um conceito de filosofia que respondesse às minhas exigências. E eu achei o seguinte: que se você não tem uma visão muito clara do que é a filosofia — ou seja, se você não tem um conceito que possa se expressar em uma definição inequívoca — você continua praticando-a sem saber o que ela é.

Em grande parte, esta mania de diploma que tem no Brasil é por causa disto: as pessoas não sabem o que é filosofia — simplesmente não sabem. Então o único modo delas identificarem é saber se o sujeito tem um diploma daquilo ou não. Ao contrário das outras profissões, que se definem pelo que elas fazem, a profissão filosófica se define apenas pela posse de um diploma. É um negócio absolutamente fantástico: em que consiste a filosofia? A filosofia consiste em ter um diploma de filosofia. A coisa é inteiramente absurda! é surrealista né? Se vocês perguntam “mas, exatamente, o que é a filosofia? o que faz um filósofo?” verão que as respostas são tão desconstruídas e bobas que está na cara que os camaradas não sabem o que é; ou pelo menos não sabem expressar. Eles podem ter tido a vivência, mas essa vivência não adquire a clareza, a firmeza e a estabilidade de um conceito. Então me pareceu que obter um conceito definitivo de filosofia — definitivo e cientificamente válido — era uma urgência absoluta.

Várias vezes esse tema retornou à minha cabeça, até que fui descobrindo mais ou menos o método para chegar lá. É verdade que em uma investigação filosófica você não pode ter um conceito de antemão, antes de ter feito a investigação filosófica. Porém aí há uma confusão entre a investigação e a sua exposição. Em nenhuma investigação científica você tem a conclusão de antemão; você primeiro precisa fazer a investigação. Porém, na hora em que você obtém a conclusão, ela é perfeitamente expressável no início da exposição; não há problema algum. Então me parecia que esse raciocínio simulava um pouco aquelas figuras de Asher de uma escada que emenda com ela mesma e quando chega ao topo está subindo de novo.

Essa confusão continua e é agravada pelo fato da fragmentação do campo filosófico — tão bem descrita pelo Wolfgang Stegmüller naquele texto que nós já lemos aqui do livro *A Filosofia Contemporânea*, onde ele vai mostrando que o campo das discussões vai se dividindo de maneira tal que chega a um ponto onde não é possível um diálogo entre uma corrente filosófica e outra, porque elas não estão falando da mesma coisa. Isso é um fato; a gente verifica que isso acontece. E no próprio livro do Stegmüller, quando ele vai expondo as diferenças entre o que ele chama de Filosofia Continental, Filosofia Anglo-saxônica e o Marxismo isso aparece. São os três blocos de que falava o Ferrater Mora, num outro livro sobre a filosofia contemporânea: um bloco continental, um anglo-saxônico e, por fim, um marxista. De fato, não há diálogo entre os três. E logo me pareceu claro que se você quisesse um conceito da filosofia, não poderia baseá-lo no conteúdo das doutrinas, porque elas eram tão incompatíveis que não se poderia sequer armar uma polêmica entre elas.

Mas aí vinha a famosa sugestão do Wittgenstein, que está muito certa, de que a filosofia é, sobretudo, uma atividade. Ela não consiste na doutrina acabada, mas ela é uma atividade. Muito bem, se ela é uma atividade, deve ser possível definir essa atividade de tal modo que a definição se aplique a esses vários blocos, por mais incompatíveis que eles sejam. Se é possível existir uma história da filosofia, é evidentemente necessário que algum traço essencial definidor da filosofia tenha de ter permanecido ao longo de todos os tempos, já que aquilo que não tem identidade, também não tem história.

Eu não posso começar a minha biografia e dizer que de repente ela continua na biografia do Alessandro, ou da Roxane, ou de outra pessoa. Você pode fazer uma biografia porque tem um sujeito que continua o mesmo. Você não sabe o porquê, você não sabe onde está o elo de continuidade dele (se é um elo físico ou metafísico etc.), mas que existe, existe. Quando você vai ler a vida de Napoleão Bonaparte, você não espera que no capítulo três pule para a vida de Júlio César ou Carlos Magno, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Isso se aplica para a história de qualquer coisa: por exemplo “a história do Brasil”. No mínimo, no mínimo, você tem uma unidade territorial e a história do Brasil se refere às coisas que aconteceram dentro desse território; ainda que você não seja capaz de definir essencialmente o que é o Brasil, você tem uma referência territorial que permanece estável. Por outro lado, “a história dos judeus” não tem a unidade territorial, mas tem a unidade familiar: é um pessoal que foi se gerando uns aos outros ao longo do tempo e tem uma linhagem familiar muito clara, então dá para você saber o que é “os judeus”. Ou “os ciganos”, por exemplo, a mesma coisa: também não tem território.

Toda história pressupõe a unidade de uma essência que permanece por baixo de todas as suas transformações. Sem isso, a história da filosofia seria impossível. A não ser que você decida que o nome “filosofia” é apenas uma convenção que você aplica a qualquer coisa que você não sabe o que é. Sempre me pareceu um escândalo que justamente aquela atividade que contém

como um dos seus elementos essenciais o esclarecimento dos conceitos, não fosse capaz de fazer um conceito claro daquilo mesmo que ela está fazendo. Seria o negócio do “casa de ferreiro, espeto de pau”; a filosofia seria uma atividade que explica todos os demais conhecimentos, exceto ela mesma. Mas isto é incompatível com o fato de que a maior parte dos filósofos diz que uma das principais atribuições da filosofia é definir-se a si mesma; ela não pode ser definida desde fora.

Isso tudo é claro que coloca um problema imenso. O simples desinteresse por essa questão mostra que as pessoas que entram nesse estudo estão menos interessadas em obter uma compreensão da matéria do que em simplesmente participar de um meio social onde as pessoas se dizem filósofos. Então é claro que a primeira providência pra se chegar a esse conceito de filosofia era examinar as várias mutações da identidade social da filosofia ao longo dos tempos. Quer dizer, a filosofia corresponde a certas atividades socialmente reconhecidas, mas essas atividades não são as mesmas.

Para isso, não é necessária uma história completa da filosofia, mas basta assinalar os momentos principais onde sua identidade social radicalmente — e esses momentos existem. [00:10] Eu aqui assinalei quatro: primeiro, a Grécia Antiga; segundo, a Universidade Medieval; terceiro, a Filosofia Clássica (no tempo de Descartes e Leibniz); quarto, a Filosofia Moderna (como atividade profissional em grande parte, mas nem sempre). Há ainda aí o conflito entre a filosofia como atividade profissional e como participação em uma discussão pública. Ou seja, ainda existe este último problema, de modo que o item quatro se divide em dois.

E o simples fato de você ter esses quatro ou cinco perfis diferentes da filosofia ao longo da história mostra que a filosofia não se identifica com nenhum deles e não precisa de nenhum deles, e deve poder ser definida por baixo e para além deles. Em outras palavras: qual é o elemento constante que continuou existindo e permitindo que os filósofos se reconhecessem uns aos outros por trás da imensa variedade não só das suas orientações, das suas filosofias pessoais, mas da sua própria identidade social?

Vemos, por exemplo, que houve certo diálogo (talvez o principal do século dezoito) entre Newton e Leibniz; sabemos que os dois inventaram o cálculo infinitesimal quase que ao mesmo tempo e independentemente; os dois têm contribuições absolutamente formidáveis a várias ciências e os dois tinham concepções filosóficas. Existe, em parte, nesse diálogo toda uma colaboração, em parte um confronto. Mas qual era a identidade social desses dois personagens? Um era professor universitário: Newton, professor de Oxford e membro da Royal Society (que não é uma organização universitária); portanto, tinha uma identidade profissional muito clara. Ao passo que Leibniz não. Leibniz, de profissão, era simplesmente um diplomata que viajava “daqui pra lá”. Nunca foi professor de parte alguma; era apenas um escritor independente que fazia lá suas investigações por conta própria e as publicava. Então você já tem simultaneamente duas identidades profissionais, as duas reconhecidas como igualmente filosóficas. Nunca ninguém foi cobrar de Leibniz: “Mas aonde é que você leciona?”. Por baixo de todas essas diferentes identidades profissionais, o que exatamente continua?

Então nós vemos assim: qualquer que seja o conteúdo da filosofia do indivíduo, ele a expressou de algum modo. Ou oralmente, como Sócrates, ou como Petre Țuțea, ou deu aulas a respeito; existe um registro dessas aulas, ou pelo menos uma recordação delas. Mesmo que o sujeito não tenha feito uma apostila por conta própria, os alunos podem ter anotado algo, como é o caso do Ferdinand de Saussure: o livro *Curso de Linguística Geral* não foi escrito por ele; aquilo são anotações de vinte alunos (anotações até desencontradas que juntaram e montaram o livro); mas Saussure deu as aulas, afinal de contas.

Ou então o sujeito escreveu livros, publicou alguma coisa em revistas acadêmicas, ou em qualquer outro tipo de publicação. Temos, por exemplo, o caso do Vilem Flusser, que é um grande filósofo tcheco que viveu no Brasil. Viveu no Brasil muitos anos, e foi professor na fundação Álvares Penteado, mas dava aulas na faculdade de artes, e não na de filosofia. Toda a sua filosofia foi publicada em artigos no Estadão. Mas ele publicou. Então você vê que algum meio de comunicação existe.

Entre os séculos dezesseis e dezessete, um elemento importantíssimo de expressão das filosofias foram as cartas — coisa que nós podemos tratar depois, com mais detalhes. Existem volumes de correspondência imensos de Newton com Clarke, de Leibniz com Clarke, de Descartes com Mersenne, e assim por diante. A maior parte das obras de Descartes são cartas; tem algo em torno de dez ou doze volumes, e acho que uns quatro ou cinco são só cartas; ele não escreveu nenhum livro em quatro volumes de mil páginas, mas as cartas formam quatro volumes de mil páginas, e por isso são muito importantes.

Além da filosofia ter uma variedade de identidades sociais possíveis, ela tem uma variedade de formas de expressão e, portanto, de documentação possíveis. Uma grande parte dessa documentação é simplesmente feita de pessoas que ouviram o sujeito falar e anotaram — como aconteceu com Petre Țuțea. Țuțea publicou muito pouco, escreveu muito pouco, mas muito se conhece do pensamento dele pelo que as pessoas ouviram não em aulas, mas em conversações informais e até na cadeia. Existem muitas coisas que os seus alunos, que estavam presos juntos com ele, anotaram ali na cadeia. Tem até um episódio engraçado onde ele reuniu um monte de presidiários (assassinos, ladrões, estupradores) e estava lá explicando para eles a diferença entre a filosofia de Jaspers e a de Husserl; os alunos, olhando de longe, disseram: “Mas por que você fez isso? Por que você foi explicar isso pra eles?”. Daí ele disse: “bem, algum dia alguém tinha de esclarecer essa questão.”

Essas várias formas de expressão e documentação, formas de registro da atividade filosófica, pelo simples fato de elas serem tão variadas, nós chegamos com relação a elas à mesma conclusão que chegamos com relação às identidades sociais: nenhuma delas é essencialmente necessária a filosofia. Isso quer dizer que não é próprio do filósofo escrever nem tratados, nem cartas, nem artigos de revistas e nem mesmo livros, porque ele pode fazer qualquer dessas coisas e isso será absolutamente indiferente. Portanto, a filosofia é compatível com inúmeras identidades sociais diferentes e ela é compatível com inúmeras formas de registros diferentes. O que significa que nenhuma dessas identidades e nenhuma dessas formas de registro é essencial a ela; todas podem ser trocadas a qualquer momento.

É evidente que não é nem nas identidades sociais e nem nas formas de registro que nós temos de procurar o elemento constante da filosofia. Tem de ser algo que está por baixo. Mas — aqui é o ponto crucial — se as formas de registro são indiferentes à essência da filosofia, isso significa que para uma filosofia ser filosofia ela não precisa ser registrada de maneira alguma. Quando se completa a atividade filosófica? Quando que você pode dizer que a atividade filosófica foi realizada? No momento em que ela foi escrita? Não; acabamos de ver que a forma do escrito não determina a essência da filosofia; ao contrário, a forma da escrita é variável.

Portanto chegamos à conclusão de que a filosofia é uma atividade que se realiza inteiramente na consciência do filósofo. E que depois se manifesta e se expressa oralmente ou por escrito, ou através de testemunho de terceiros, ou de qualquer outra maneira. Mas esses registros não são a atividade filosófica propriamente dita.

Uma prova secundária que pode ser alegada em favor disso é que nem sempre os filósofos que são mais importantes são os melhores escritores. Se você ler, por exemplo, os originais de Aristóteles, eles são horríveis, porque eles são apenas rascunhos; é tudo uma coisa disforme, quebrada, desconstruída. Se você pegar os filósofos do tempo do idealismo alemão, ou pegarmos do século dezenove, por exemplo, Arthur Schopenhauer: é um grande escritor; Schopenhauer e Nietzsche são grandes escritores. Mas e Kant? Kant escreve horivelmente; ele simplesmente não sabia se explicar. Ele apelava sempre a demonstrações muito complexas nas quais ele mesmo se perdia no meio. É só você tentar ler Kant para ver que ele poderia ter facilitado as coisas, poderia ter escrito de uma maneira melhorzinha. Definitivamente, ele não é um grande escritor. Na verdade, não é um escritor de maneira alguma; é um filósofo e professor.

Quando você compara a elegância dos escritos de René Descartes, que é um clássico da língua francesa, e você compara com os escritos do Jakob Böhme, que é um filósofo que teve idéias absolutamente geniais, mas que escreve [0:20] numa linguagem praticamente incompreensível (cheia de alusões herméticas etc.), como pode ser que essas duas coisas sejam a mesma? Elas são a mesma porque elas divergem no modo de expressão e de registro. Mas o modo de expressão e registro não é a atividade filosófica. E isso é assim mesmo no caso de um sujeito que pensasse por escrito, como no caso de Edmund Husserl. Edmund Husserl sabia taquigrafia, ou seja, ele escrevia na velocidade em que ia pensando. É uma coisa quase impossível para quem não sabe taquigrafia. Ele escrevia pensando, mas isso quer dizer que “escrever” era “o pensar”? Não, de maneira alguma. Não é possível que ele escrevesse primeiro e pensasse depois. Na hora em que ele coloca a frase ela tem de estar pensada na cabeça dele.

Dáí concluímos uma coisa absolutamente acachapante: a atividade filosófica é puramente interior. Tudo o mais são expressões, registros e manifestações externas. Isso quer dizer que o sujeito que pensasse profundamente sobre problemas filosóficos e nunca contasse nada para ninguém, teria realizado a atividade filosófica tão perfeitamente quanto o mais conhecido e lido dos filósofos universais (talvez seja Descartes o filósofo que o pessoal mais lê, ou Platão). Então o sujeito está lá totalmente desconhecido e, no entanto, ele é um filósofo. Tanto que há filósofos que só foram lidos dois ou três séculos depois de morrerem como Giambattista Vico, por exemplo. E há casos como o nosso Mario Ferreira dos Santos que raramente escreveu uma linha; tudo que se publicou dele são transcrições de fitas, muito mal feitas. E pode se dizer que ele não realizou a atividade filosófica porque ele não completou seus textos? Ou que Petre Țuțea não filosofou porque não escreveu nada? No caso de Louis Claude de Saint-Martin, chamavam ele de “*le philosophe inconnu*”, o filósofo desconhecido, porque era esotérico.

Existe até mesmo essa expressão. Quantos “*philosophe inconnu*” existem no mundo? Não sei; é impossível saber. Assim como existem santos desconhecidos. Quer dizer, o sujeito que tem tantas virtudes, fala com Deus; Deus o abençoa de maneira especial, mas ninguém ficou sabendo, o cara nunca foi canonizado nem nada. Isso é perfeitamente possível e a própria Igreja reconhece que eles existem. Do mesmo modo se a filosofia se perfaz, se ela se completa inteiramente na esfera interior, mesmo que não haja registro algum, então a história da filosofia é a história dessa atividade interior tal como ela foi documentada.

O que que se procura quando se lê livros de filosofia? É a atenção exclusiva ao texto? Não. Nós tentamos pegar a conexão interior, que, às vezes, está mal documentada nos textos. Em alguns filósofos, a exposição é totalmente sistemática; eles tentam fazer com que a ordem dos seus escritos corresponda a ordem do seu pensamento, como Kant, por exemplo. Quando Kant faz a *Crítica da Razão Pura*, a *Crítica da Razão Prática*, a *Crítica do Juízo*, *Prolegômenos a Toda*

Metafísica Futura etc., ele está dispondo os seus escritos na ordem das grandes divisões da temática filosófica tal como ele a compreende. E existem outros casos que não são nada disso. A obra de Leibniz é constituída de cartas, de fragmentos, de escritos não terminados e, no entanto, você vai dizer que a filosofia de Leibniz é menos ordenada interiormente do que a de Kant? É claro que não. A filosofia de Leibniz tem uma ordem interna maravilhosa! Talvez seja o filósofo mais ordenado que existe, embora os escritos sejam totalmente desorganizados.

Como é que sabemos que uma filosofia é organizada? Quando por trás dos escritos existir a conexão interna do pensamento do filósofo. Note bem: do pensamento. E esta unidade interna, ela por si mesma não está documentada nos escritos. Isso quer dizer que você tem de penetrar no mundo interior do filósofo para compreendê-lo. Ou seja, por baixo daquilo que ele disse, que ele explicitou, existe uma conexão que ele estava enxergando e que ele não expressou de maneira alguma.

Quando eu fiz o meu estudo sobre o Aristóteles, do negócio dos quatro discursos, eu me vi exatamente diante desta situação: Aristóteles não escreveu nenhuma teoria dos quatro discursos, ele simplesmente deu umas aulas, escreveu um negócio sobre a poética, a retórica, a dialética (que é o livro *Tópicos*) e a lógica (que chamava analítica). Isso foi o que ele fez. Mas eu lendo aquilo, vi que existem princípios comuns. Eu vi que existe uma ordem que conecta uma com a outra, e com a outra, e com a outra, como se fosse uma árvore. Mas, ó raios, se eu percebi isso nos escritos que um nego deixou dois mil e quatrocentos anos atrás e que são escritos fragmentários, é impossível que ele próprio não tivesse percebido. Esta conexão entre as quatro disciplinas do *Órganon* tinha de estar consciente para o próprio Aristóteles; senão ele não conseguiria fazer o que fez. Mas ele não deixou uma só linha sobre essa conexão. Então eu vou expressar essa conexão mostrando algo que Aristóteles não escreveu, mas que ele tem de ter pensado para poder escrever o que escreveu.

Toda e qualquer interpretação de textos filosóficos é isto: você está indo do escrito para uma coisa que não está escrita. E se não está escrita, aonde estava? Na consciência do filósofo. Então é ali que se realizou a obra filosófica e não no escrito. Estão acompanhando?

Este é evidentemente o primeiro passo para definir a filosofia: a filosofia em si mesma é uma atividade interior, é uma atividade de reflexão e de intensificação, e por assim dizer de organização da consciência. Então, damos isso por assentado. Acho que isso aqui é absolutamente irrefutável, não tem como quebrar.

Então a filosofia é uma atividade interior. Mas a que ela se destina e o que ela está procurando? Aí nós vemos que não é possível responder isso pelo conteúdo das doutrinas filosóficas e nem mesmo pelo seu assunto, porque os assuntos diferem. As perguntas filosóficas não permanecem as mesmas; os temas são completamente diferentes.

Já no começo da filosofia você vê isso aí. Você vê que os primeiros filósofos, chamados pré-Socráticos, estão interessados praticamente só em uma pergunta: do que é feito o mundo? Sócrates nunca fez essa pergunta. Ele levanta perguntas completamente diferentes: “o que é a justiça?”, “o que é o bem?” etc.; ele está interessado sobretudo em filosofia moral e política. Quando Aristóteles coloca de novo a mesma pergunta dos pré-socráticos, já é de uma maneira tão diferente que certamente não é o mesmo assunto. Nos filósofos de hoje, alguns ainda tratam da pergunta pré-socrática (do quê é feito o mundo?). Por exemplo, o sujeito que escreve uma filosofia da física quântica ainda está tentando responder a mesma coisa: “qual é a matéria do mundo?”. Mas a maior parte dos filósofos não tratam absolutamente disso. Eu li, por exemplo, a obra inteira do Eric Voegelin e não encontrei nada disso. Eu li a obra quase

inteira do Bernard Lonergan e não encontrei nada disso. Mas, se leio Alfred Whitehead, eu encontro, porque ele era um cientista também. Então, ele fazia um tipo de filosofia da ciência que tentava dar alguma resposta a esta questão.

Quer dizer, não existe esse negócio de questões filosóficas permanentes; as questões filosóficas também mudam. Então, ó raios, se eu não posso encontrar a unidade de propósito da filosofia nem nas doutrinas e nem mesmo nos assuntos, aonde eu devo encontrar? Na própria atividade. [0:30] Quando Wittgenstein percebeu que a filosofia era uma atividade, ele percebeu instantaneamente que era uma atividade interior. E daí ele fez aquela famosa piada sobre o livro dele (o *Tractatus*), e ele diz: “Esse livro se compõe de duas partes: uma é essa que foi publicada, outra que não foi escrita, nem será, e esta segunda é a mais importante.” O que ele quer dizer com isto? A filosofia é uma atividade interior; eu só registrei uma parte dela. A outra até para ser coerente ele não podia expressar porque ele achava que se tratava de uma sabedoria muda. Se a sabedoria muda era a parte mais importante da obra filosófica do Wittgenstein, então, obviamente, o mais importante é a atividade interior e não o seu registro.

Eu acho que, dos filósofos do século vinte, nenhum esteve tão consciente disso com tamanha clareza quanto o próprio Wittgenstein — isso aí aliás arruinou a vida dele: esse negócio da fé muda, como ele chamava, fé sem palavras, é uma idéia louca, mas ela põe à mostra uma verdade profunda: a de que a filosofia é uma atividade, e uma atividade interior. Se a filosofia é essencialmente uma atividade interior, ela difere radicalmente de qualquer outra atividade humana.

Por exemplo, imagine uma ciência física que seja puramente interior. Ela não pode ser, porque a matéria dela está colocada fora do ser humano; você está estudando a constituição material das coisas, e isso não é interior de maneira alguma. Você tem de lidar com a matéria. Imagine um estudo da medicina que fosse puramente interior. Quer dizer, o médico só pensa na sua cura, mas não faz nada para curá-lo. Você pode dizer que o essencial da medicina é a descoberta do tratamento? Não. É a aplicação do tratamento. Mesmo porque se o médico não aplicar, ele não vai saber se o tratamento funciona. A própria idéia do Claude Bernard da medicina experimental: se ela é experimental, ela não pode ser puramente interior. Existe uma arte puramente interior? O sujeito pensou num quadro, mas não pintou o quadro. Pensou na música, mas não compôs a música. É a brincadeira do John Cage, que fez uma música chamada quatro minutos e trinta e três segundos (4:33), onde ele senta no piano e fica quatro minutos e trinta e três segundos em total silêncio. Isso é uma gozação? Sim, mas é uma gozação que esclarece algo da música: se a música não é composta ela realmente não existe; a música não é uma atividade interior. Vamos supor um músico que tivesse composto na cabeça dele as sinfonias e os concertos mais maravilhosos do mundo e não registrou uma linha, nunca tocou nem nada, ele seria um músico? De jeito nenhum. Quer dizer que em todas essas atividades a expressão material faz parte delas, e na filosofia não faz.

Estão acompanhando isso aqui? Nós temos não somente um traço definidor da filosofia que mostra o que ela foi permanentemente ao longo de vinte e tantos séculos — por baixo de todas as suas mutações externas —, mas também aquilo que a diferencia de toda e qualquer outra atividade humana.

Com isso nós já chegamos a uma conclusão que tem consequências absolutamente portentosas. A primeira é: a filosofia não é uma profissão e nem pode ser jamais; ninguém vai pagar pra você pensar e não contar nada pra ninguém; não existe essa profissão. Portanto o que chamam de “profissão filosófica” não é o exercício da filosofia, mas algumas das suas

formas de expressão; o sujeito é pago ou porque ele escreveu um livro, ou porque ele deu uma conferência, ou porque ele deu aula. Ou seja, é a expressão material da filosofia que pode ser profissional ou não, mas a filosofia em si mesma não tem como ser uma profissão jamais.

Justamente por não ter como ser uma profissão é que ela pode se expressar através de mil atividades sociais diferentes. Inclusive ela pode se exercer sob a aparência de outras atividades profissionais. Quando você lê por exemplo Hölderlin ou o próprio Fernando Pessoa, você diz: “Ó raios, isso aqui é poesia ou filosofia?” William Blake: “Isso é poesia ou filosofia?” Quer dizer, o sujeito filosofou e ele expressou aquilo poeticamente. O que não quer dizer que não há uma conexão racional filosófica muito profunda ali dentro; se você procurar você acha.

A pergunta seguinte é: qual é o objetivo? O que eles estão buscando? E esta pergunta tem de ser respondida de tal modo que a resposta abranja e seja compatível com todas as filosofias, as mais diferentes do universo. Por exemplo, aqui nós temos Bertrand Russell e ali temos Wittgenstein, e por trás deles temos o Nietzsche. Você tem um sujeito que escreve o tempo todo, tenta se explicar nos mais mínimos detalhes e publica uma centena de volumes, tudo explicadinho. Do outro lado, tem o sujeito que escreve por efusões poéticas quase incompreensíveis; e tem um terceiro que prefere ficar quieto. Diante disso, nós podemos encontrar uma definição que abranja esses três casos?

Eu vou deixar essa questão parada por enquanto. Vocês já sabem qual é a resposta que eu vou dar. Vocês só não sabem como eu a encontrei e eu vou explicar depois. Eu vou parar isso e ler aqui alguns pedaços do livro que eu estou preparando.

Na aula retrasada, eu li um trecho que se referia a concepção de universidade do Wilhelm Von Humboldt, mas não cheguei a dizer como as limitações da concepção do Humboldt sobre as universidades chegaram a afetar o mundo anglo-saxônico (Cambridge e Oxford). Isso corresponde ao §10 do livro e diz o seguinte:

“Não foi só na Alemanha que a redução da filosofia a uma profissão universitária, guiado pelo ideal das ciências, trouxe como resultado a impotência de reagir à invasão das ideologias de massa.”

É exatamente o processo que eu estou descrevendo aqui, e que é tão bem assinalado e descrito pelo Eric Voegelin com relação ao que aconteceu na Alemanha, na universidade Humboldtiana. Inclusive ele a responsabiliza [0:40] pela inermidade da intelectualidade universitária alemã ante o nazismo e o comunismo.

“O mesmo aconteceu na Inglaterra, nos Estados Unidos e, em menor medida, na França. O processo remonta à criação da Filosofia Analítica por George Moore, Bertrand Russell, Alfred North Whitehead, Ludwig Wittgenstein e Rudolf Carnap. A idéia inicial era dar à filosofia o rigor de uma ciência, mas por meio de um artifício que hoje parece risivelmente simplório: reduzir todo o conhecimento a proposições atomísticas que oferecessem uma adequada “reconfiguração lógico-formal dos dados dos sentidos”. Tudo o que não coubesse nessa fórmula — exceto as proposições puramente formais que não versassem sobre objetos, mas apenas sobre relações lógicas — era condenado como desprovido de significado.”

“A filosofia reduzia-se assim à análise da linguagem para limpá-la de pseudoproblemas que haviam atormentado em vão os infelizes antecessores da filosofia analítica ao longo dos milênios. Russell chegou a escrever uma longa história da filosofia ocidental, onde trata dos grandes filósofos do passado com um sorrisinho de superioridade no canto da boca; o que

não impede que alguns dos seus capítulos — aqueles sobre Hegel, notadamente — provem apenas que algumas idéias daquele filósofo eram superiores à capacidade de compreensão do autor. Não sei se por falta de sensibilidade literária ou ânsia de regulamentar o cosmos, não ocorreu aos proponentes da Teoria Analítica que nunca um fato pode ser diretamente traduzido numa proposição atomística sem passar por várias mutações e adaptações na esfera do imaginário. Muito menos chegaram a notar que não existem dados dos sentidos como matéria de percepção imediata, mas apenas coisas e processos complexos — a começar pela Presença Total, a que se refere Louis Lavelle — que só se reduzem a dados dos sentidos por análise *ex post facto*.”

Ou seja, não é que as suas percepções se compõem de dados dos sentidos; ninguém nunca percebeu um dado dos sentidos. Você percebe alguma coisa que está acontecendo, a presença de um ente qualquer, uma mudança atmosférica; ou seja, processos enormemente complexos e depois por análise você os decompõe: aqui havia uma percepção X, mais outra, mais outra e, então, você decompõe aquilo analiticamente em dados dos sentidos. Dados dos sentidos não são uma matéria prima que se ofereça para você como um dado imediato. Não. Eles são o resultado de uma análise. O que é imediato é a percepção de seres, coisas, estados etc., todos eles sempre compostos.

Por exemplo, você já ouviu algum som puro? Não. Se você já ouviu um som, você estava em algum lugar; alguma sensação espacial você teve ao mesmo momento. Como é que você distingue o que era o som, do que era a circunstância espacial na qual você estava? E, segundo, este som não tem nada a ver com o quadro espacial em torno? É claro que tem porque você tem o problema da distância, da ressonância etc.; tudo isto dependendo do espaço. Tudo isso vem junto e você separa mentalmente. Isso quer dizer que os dados dos sentidos não são separados. Eles são distinguidos *ex post facto*; distinguidos por análise.

Isto quer dizer que para você fazer uma proposição atomística, você tem de pegar um quadro complexo dos dados dos sentidos, decompô-lo mentalmente, separar o que você imagina ser os dados dos sentidos e aí você compõe a afirmação atomística. Ou seja, há uma distância enorme entre uma coisa e outra. Ora, isto quer dizer que de tudo o que você percebeu o que é expressável em proposições atomísticas é um fragmento irrisório; o resto não é expressável.

Por exemplo: “eu fui ao teatro municipal.” Isso é uma proposição atomística. Então supõe-se que cada um desses termos corresponde lógico-formalmente a um aspecto dos dados dos sentidos disponíveis. Mas você imagina quantos dados dos sentidos você obteve desde que você saiu de casa até que você chegou no teatro municipal? É uma multidão. E esta afirmação não corresponde a dados dos sentidos; por trás dela há uma imensidão de dados dos sentidos que não entram nela; ela representa uma seleção, uma abstração. E pergunto eu: seria possível você chegar a alguma conclusão importante ou válida analisando a frase “Eu fui ao teatro municipal” sem levar em conta todos os outros dados dos sentidos que não estão contidos na frase? Absolutamente não.

Portanto não basta você analisar a frase, você precisaria analisar a experiência real e daí você partir para análise da frase. Partindo do princípio de que a frase expressa uma experiência real, não adianta analisar a frase, você tem de analisar a experiência real primeiro.

“Que portanto reduzir a filosofia à análise da linguagem era saltar sobre a análise da experiência propriamente dita e lidar apenas com palavra num dicionário ou reconfigurações lógicas dos fatos em vez dos próprios fatos.”

Os fatos estão sempre em aberto e eles são acessíveis não a nossa linguagem, mas a nossa memória. Quando você diz uma frase que resume esquematicamente uma experiência complexa que você teve, a experiência complexa está na sua memória ainda e a frase não a contém inteira. Esta frase só se torna compreensível para uma pessoa que teve experiência análoga. Portanto a comunicação se dá num nível que ultrapassa enormemente o alcance da frase. E daí a minha famosa tese: o mundo é o mediador de toda linguagem; nós nos entendemos porque estamos no mesmo mundo, meu Deus do céu, e não porque a linguagem esteja estabilizada e esclarecida em todos os seus pontos. A linguagem jamais será esclarecida e estabilizada em todos os seus pontos; isso não é possível fazer. Porque à medida que o tempo passa, as experiências mudam e a nuance das palavras também mudam.

“É verdade que após o anúncio triunfal do programa analítico, Russell e Wittgenstein voltaram atrás muitas vezes tentando atenuar os exageros da proposta ou, no caso de Wittgenstein, reverter em cento e oitenta graus o sentido que a massa de seus leitores (inclusive o prefaciador, Bertrand Russell) dava às teses do seu *Tractatus*.”

Bertrand Russell interpretou o *Tractatus* exatamente no sentido da filosofia dele, da filosofia analítica em seu estado puro, por assim dizer. E o Wittgenstein disse: “Não! Não é nada disso. Você simplesmente não me entendeu, porque eu não estou depreciando como carente de sentido tudo aquilo que não se pode expor em proposições analíticas. Eu estou dizendo exatamente o contrário: ou seja, que justamente aquilo que não cabe nas proposições atomísticas é o mais importante.”

“Esse é, aliás, um dos episódios mais reveladores da história da filosofia analítica. O livro destinado a eliminar de vez as ambiguidades da linguagem e a nada menos que “trazer a solução final de todos os problemas essenciais da filosofia”(expressão do Wittgenstein) era ele próprio (é uma expressão do Stephen E. Toulmin) “um dos livros menos autoexplicativos já publicados; um enigma; um *roman à clef*...”

Roman à clef é um romance que se refere a personagens reais não nomeados, que você tem de descobrir a chave — como por exemplo o livro *Windswept House*, do Malachi Martim. É o *roman à clef*: quer dizer, os personagens são todos reais, mas estão colocados com outro nome e, então, você tem de descobrir.

“...um *roman à clef* ao qual o leitor pode trazer qualquer uma de duas interpretações diferentes.”

Bom, o Wittgenstein pode até ter trazido a solução final de todos os problemas essenciais da filosofia, mas ele não disse nada a respeito.

“Os pressupostos da escola resultavam em expelir do mundo do conhecimento sério os temas tradicionais da filosofia religiosa. O *Tractatus* seguia rigorosamente essa orientação que filiava a escola à linguagem positivista. Mas vendo que o livro era assim interpretado, Wittgenstein protestou afirmando que justamente por serem absolutamente indizíveis, os conhecimentos espirituais eram os mais importantes e valiosos. Chegou a dizer — e não totalmente de gozação — que o *Tractatus* se compunha de duas partes: [0:50] uma publicada a outra jamais escrita, sendo esta a mais importante.”

“De fato, se tudo que não pudesse ser expresso em proposições atomísticas não deveria ser dito de maneira alguma...”

Esta é a conclusão do *Tractatus*.

“... só restava ao filósofo discursar sobre palavras ou ficar quieto.”

Nós vimos que a análise da linguagem não é a análise da experiência. Para analisar a experiência é necessário recorrer a elementos que não estão conservados nas palavras, mas na memória, nos sentidos etc., considerados diretamente e não na sua expressão verbal.

“Foi isso que Wittgenstein fez a vida toda. Quando rompendo com o voto de silêncio ele abria a boca para dizer algo sobre religião e espiritualidade, eram coisas de uma ingenuidade atroz. Diz ele: “Só o cristianismo é um caminho seguro para a felicidade.”

Wittgenstein dizia isso ao mesmo tempo que mostrava desprezo por toda religião organizada. Mas pergunto eu: o que é o cristianismo sem os sacramentos, que pressupõe pelo menos um pouco de organização? que cristianismo era esse?

Quando se investiga mais um pouco, descobre-se que a religião que deslumbrava o filósofo era apenas um cristianismo sentimental de Leon Tolstói.”

Tolstói publicou um livro sobre cristianismo, onde fez uma interpretação totalmente herética do cristianismo. E no fim fica tudo reduzido a um sentimento interior, a uma vaga impressão, ou, como dizia, era uma fé sem palavras. O que é uma fé sem palavras? A fé supõe alguma afirmação na qual você acredite; ou alguém, algo cognoscível no qual você acredite. Uma fé sem palavras é de fato uma contradição de termos.

“Se os resultados dessas revisões e autonegações sucessivas foram sempre de uma inconclusividade angustiante, isso não bloqueou, mas antes fomentou a expansão da escola analítica na Inglaterra e nos Estados Unidos, fornecendo um estoque formidável de problemas lógicos cabeludos e provavelmente insolúveis, capaz de alimentar inumeráveis departamentos universitários, revistas acadêmicas e congressos de filosofia por muitas décadas.”

A filosofia se torna fértil não porque ela explicou uma coisa, mas, justamente ao contrário, porque ela não explicou nada, levantou um monte de problemas e os problemas restam aí; e aquilo pode de fato alimentar inumeráveis discussões. Enquanto há matéria pra discussão, saem cursos, livros, teses filosóficas, artigos de revista acadêmica etc.; e isso continua até hoje. A bibliografia da escola analítica hoje é absolutamente inabarcável.

“A redução da filosofia à lógica trazia consigo, é claro, o compromisso da mais estrita neutralidade científica. Isto implicava ou a total abstinência de pensar sobre temas morais e espirituais, ou a sua redução a algum tipo de abordagem materialista acessível aos sentidos. Russell acreditou encontrar a solução ao reduzir a moral, a religião e a espiritualidade em geral à expressões do desejo.”

Quer dizer, ele pega a noção do desejo e faz dela o conceito fundamental de toda esta área do conhecimento.

“Encerrando-a assim na esfera da imanência humana. E repetindo sem saber a fórmula humboldtiana que as catalogava como ideais.”

O que é ideal? É uma coisa que você quer; um desejo no fim das contas; eu quero que as coisas sejam assim. Se a noção de se tudo quanto é elementos da espiritualidade, da ética, da moral etc., pode ser reduzido à uma questão de ideal, então pode ser reduzido a uma questão de desejo. Só que o desejo é um fenômeno imanente ao ser humano: ele acontece dentro do ser humano, na esfera do ser humano. Ele nada nos diz sobre a existência ou inexistência do

objeto desejado. Eu não posso, examinando só o desejo que uma pessoa tem, saber se aquilo que ela quer existe. Para isso eu precisaria investigar algo que vai além dela. Portanto se a religião, a moral etc. são estudadas apenas sob a esfera do desejo, elas têm de ser estudadas de tal maneira que faça abstração da existência do objeto. E é claro que isto nos deixará na eterna dúvida se estes objetos existem ou não.

“Tanto quanto o modelo de Humboldt, o programa analítico favorecia a instituição da filosofia como carreira universitária, altamente regulamentada e uniformizada. Dotada ademais do poder de expulsar do seu recinto o que quer que não atendesse às exigências de uma filosofia científica. A mistura de sublimismo científico e rigidez burocrática foi o canal pelo qual a fraqueza da universidade alemã ante as ideologias de massa chegou a Cambridge e Oxford.”

Alfred Whitehead sob esse aspecto escapa ao nosso campo de investigação porque logo rejeitou categoricamente o projeto analítico e se empenhou em defender o estatuto da fé religiosa como conhecimento. Então o Whitehead sai do nosso estudo nesse momento.

Quanto aos outros:

“Russell pessoalmente nunca foi um nerd perdido entre abstrações matemáticas, alheio aos problemas do mundo histórico-social. Ao contrário, dificilmente se encontrará algum desses problemas sobre o qual ele não nos tenha concedido generosamente a sua opinião. Apenas essas opiniões, sempre redigidas num estilo que simulava a perfeição do equilíbrio e do bom senso, variavam de extremo a extremo com perfeita insensatez. Após ter odiado os comunistas ao ponto de sugerir com total candura um bombardeio atômico preventivo da União Soviética, ele encerrou os seus dias como um dos mais devotados servidores da propaganda soviética, qualificando o presidente John Kennedy de mais maligno que Hitler e exigindo o desarmamento nuclear unilateral dos Estados Unidos.”

Esta era exatamente a propaganda soviética. Na época, faziam-se campanhas contra a bomba atômica no ocidente, de modo a demonizar as pesquisas sobre bomba atômica só no ocidente. A União Soviética ficou imune a essa campanha; não houve campanha similar nenhuma lá. Isso foi realmente a exigência do desarmamento unilateral.

“E, ao lado do notório agente soviético Wilfred Burchett, prestando-se ao papel de presidente de um grotesco tribunal dos crimes de guerra dos Estados Unidos, subsidiado pelo governo comunista de Hanói.”

O famoso tribunal Russell, era dinheiro que vinha de Hanói, do governo comunista do Ho Chi Minh. Como é que o sujeito começa com uma idéia tão louca e termina com outra idéia mais louca ainda. Por um lado ele quer bombardear a União Soviética: fazer a união soviética voar pelos ares, preventivamente: “Nos vamos soltar uma bomba, matamos todo mundo e acabamos com o comunismo.” Ótimo! E depois ele quer que os Estados Unidos se desarme unilateralmente, deixando só a União Soviética como proprietária de bombas. Russell escreve num estilo que parece muito sereno, equilibrado e sempre de bom senso. Então se você se deixa iludir pelo estilo e não procura a substância do que ele está dizendo, ficará com a impressão de que Russell está com a cabeça no lugar, mesmo quando ele está completamente doido.

“Mais patético ainda é o caso do Rudolf Carnap. Esse sim é um autêntico nerd apolítico, vagamente progressista, que se deixava enredar em tudo quanto é organização de faixa do partido comunista até ir parar aparentemente sem culpa nos arquivos do FBI como possível agente soviético.”

O cara nunca foi agente soviético, nunca foi nem comunista, mas tudo quanto era porcaria que davam pra ele assinar, ele assinava; acabou havendo uma suspeita injusta entorno dele de ser um agente soviético. Quer dizer, era um bobão mesmo; era um nerd. Ele ficava lá com suas abstrações matemáticas, totalmente desarmado ante o mundo real. Exatamente o problema da universidade do Humboldt, como explicou Eric Voegelin.

“De Wittgenstein só se sabe que sem ser comunista em ideologia, admirava Stalin e sonhava em ir lecionar na Universidade de Kasan. Circula pelo mundo uma hipótese razoável (mas não inteiramente comprovada) de que ele traiu a confiança britânica decifrando os códigos navais nazistas, mas entregando-os aos soviéticos e não ao governo da nação que o hospedava.”

Kimberley Cornish lançou essa hipótese a respeito do Wittgenstein no livro *The Jew of Linz*. É bastante razoável, mas não foi provada.

Mas há dois outros aspectos pelos quais a filosofia analítica, nascendo do grupo de eruditos de Cambridge, denominado *Os Apóstolos*, abriu o flanco à influência comunista. O grupo viria a tornar-se o abrigo de um perigoso núcleo de espões soviéticos a partir dos anos trinta do século vinte. O que evidentemente não aconteceria se não fosse um ambiente propício para isso. De outro lado, *Os Apóstolos* eram em grande parte um círculo de homossexuais, incluindo Wittgenstein, John Maynard Keynes, talvez George Moore e com certeza os espões Guy Burgess e Anthony Blunt.

Anthony Blunt era um importante historiador da arte [1:00] que foi desmascarado como espião quase aos oitenta anos de idade, depois que ele já havia feito todo o serviço. O Burgess e o Kim Philby não, esses foram descobertos mais cedo.

“Hoje em dia é difícil duvidar da importância da homossexualidade nas medidas diretas da inteligência soviética contra o ocidente e o império britânico em particular. De um lado como armas de chantagem que a KGB sempre usou com liberalidade.”

A KGB tinha muitos gays fichados para ter uma lista de pessoas que podiam ser chantageadas a qualquer momento. Naquela época ser gay não era bonito como hoje. Hoje você não vai chantagear o Jean “ui ui”¹ dizendo: “Você faz o que eu quero senão conto pra todo mundo que você é gay”; mas naquela época isso funcionava.

“De outro lado como instrumento da ofensiva cultural que (ao contrário do que os leigos no assunto imaginam) não começou com Antonio Gramsci, mas remonta aos anos vinte sob o patrocínio direto de Stalin.”

“Parece perfeitamente aceitável a tese do erudito gayzista David A. J. Richards no livro *The Rise of Gay Rights and the Fall of the British Empire*, de 2013, de que a disseminação do homossexualismo entre os intelectuais e políticos britânicos “desempenhou um papel fundamental na luta anti-imperialista”, chegando a contribuir decisivamente para queda do império no mínimo fazendo das classes altas uma dócil arma de manobra para a espionagem soviética.”

Massa de manobra, ou no sentido de fomentar mais revolução cultural ou no sentido de usá-los por meio da chantagem. Esse livro é muito bem documentado. Ele mostra que esse negócio de gayzismo de fato penetrou profundamente nas classes altas entre os intelectuais e políticos, e que isso foi, através da ação dos comunistas, um elemento fundamental para a derrubada do império britânico.

1 Jean Wyllys.

“Repetiu-se assim o destino da universidade humboldtiana. Quanto mais científica, neutra e profissionalizada a filosofia, mais inerte ela se encontra face a correntes ideológicas que não abdicam da busca fundamental, nem, como Wittgenstein, a neutraliza num mutismo autoimposto, mas a pervertem e a usam para os seus próprios fins.”

Vejam que as ideologias de massa não são alheias às questões da moralidade, do bem e do mal, do sentido da vida etc. Aliás, ao contrário, é por aí mesmo, é por esse viés que elas conquistam os corações humanos; é porque elas dão uma resposta a isso; elas dão um sentido de vida para as pessoas. Se a filosofia está proibida de mexer com o sentido da vida — ela só pode lidar com a análise de proposições atomísticas —, então ela está desarmada perante isto. Este é o problema de pessoas no Brasil: guardadas as devidas proporções e reduzindo para uma escala infinitesimal, é o problema de pessoas como o Júlio Lemos e Francisco Razzo; a formação deles é esta: quando se metem nas questões da história, da política, da moral, eles se atrapalham como crianças, porque o tipo de formação que obtiveram não é suficiente para lidar com isto.

A formação analítica dá para o estudante um senso de segurança, porque nela ele só irá lidar com domínios lógicos onde tudo é muito controladinho. Está tudo muito controladinho, só que ficou de fora da escola analítica o mundo real. É como você ter um domínio total do jogo de xadrez e achar que com isso você vai derrotar os exércitos adversários. Mas isso não é uma guerra de verdade. É uma guerra jogada num tabuleiro; é um brinquedo, não é uma guerra de verdade. É brincar com os soldadinhos de chumbo e achar que você é Napoleão Bonaparte.

“Em segundo lugar, a habilidade requerida para esse exercício da filosofia de tipo analítico era do tipo que não pode ser adquirido só em livros, mas exige o treinamento dado pelos profissionais experientes no próprio local de trabalho.”

Adestramento em lógica de fato você não vai adquirir só no livro. Se não tem um professor lá pra corrigir os exercícios, mostrar os seus erros de raciocínio etc, você não vai aprender nunca. A não ser que você seja um gênio. Alguém pode aprender isso tudo sozinho, mas em geral não é assim.

“O aprendizado assume assim o aspecto de uma escalada iniciática bem protegida contra a intrusão dos profanos.”

Esta sensação de ter um domínio de algo muito especial e muito elevado, que é inacessível aos profanos, incompreensível, nós vemos no Júlio Lemos e no Francisco Razzo. É aquele domínio fechadinho. Não que eles pessoalmente tenham esse domínio, mas o culto desta coisa está presente no ambiente onde adquirem sua formação.

“Nem a mais inflada eloquência pode descrever o sentimento de superioridade sublime com que os analíticos se defendem contra qualquer objeção da parte de quem não siga os seus métodos. Como tudo que não seja análise da linguagem “não é filosofia”, o crítico da escola só tem duas opções: falar para as paredes ou consentir em formular suas objeções na linguagem da escola, tornando se ele próprio um membro do círculo.”

Então quer dizer que para discutir com um cara desses, aparece um problema miserável, porque ele não entende o que você diz a não ser que você o formule nos termos da escola analítica. Mas para fazê-lo, tenho de pegar todo o meu pensamento e convertê-lo pra este código. E daí eu mesmo já estou praticando filosofia analítica, que é uma perda de tempo absolutamente formidável, for-mi-dá-vel. Existe um livro do próprio Stephen E. Toulmin, que

se chama *The Uses of Argument*, onde ele demonstra que esse tipo de adestramento lógico, baseado sobretudo na lógica matemática, tem pouquíssimas aplicações na vida real. Ele diz que na verdade em filosofia você raciocina menos como um matemático do que como um advogado no tribunal do juri. Então nós devemos pegar o Direito como nosso modelo para nossas investigações e não a matemática.

Existe outro autor, Fred Sommers, que escreveu vários livros demonstrando que todas as propriedades sublimes que os camaradas da escola analítica atribuem a essa linguagem artificial criada por eles — com símbolos matemáticos —, estão presentes na linguagem corrente também. Ou seja, a linguagem corrente pode ter o mesmo tipo de confiabilidade e de rigor que têm essas outras coisas transpostas a essa outra linguagem.

“Na mesma medida em que se fecha às objeções filosóficas vindas das trevas exteriores, a Escola se imuniza contra qualquer crítica proveniente das ciências ou das humanidades.”

Quer dizer, não adianta um físico dizer tal ou qual coisa, porque ele vai ter de transpor aquilo na linguagem da escola analítica, senão não vai funcionar. A mesma coisa para um biólogo, ou, mais ainda, um teólogo, ou um escritor, ou alguma coisa assim. Ou seja, é impenetrável; ninguém pode penetrar ali; é fechado mesmo.

“A fortaleza inexpugnável que uma vez consolidado o domínio territorial, pode-se mesmo partir dele para a conquista de áreas mais amplas, que hoje se estendem até a teologia analítica.”

Quer dizer, os analíticos dão palpites sobre todos os problemas que existem, só que cada probleminha assim tratado analiticamente dá um raciocínio de no mínimo trezentos e cinquenta páginas, isso para chegar a conclusões relativamente pobres. Ou seja, é um adestramento que dá um senso de domínio formal muito grande, mas cujo rendimento na prática é mínimo. Então é assim: é como um sujeito que houvesse se exercitado, feito ginástica, ficado fortão (com os braços deste tamanho), mas ele não treinou luta nenhuma — ele só treinou com o corpo dele mesmo. Daí sai um baixinho de um metro e vinte e dá um cacete nele. Quer dizer, você é fortão, mas não sabe brigar; chega um que sabe e bate em você. É a mesma coisa aqui.

Quando você vê esse pessoal analítico entrando em discussões fora do campo especializado, como o próprio Bertrand Russell, em geral os argumentos deles são ridículos, e qualquer pessoa sem nenhum treino analítico (e até nenhum treino em lógica clássica) descobre onde os pontos deles estão errados com a maior facilidade. Quer dizer, tem todo esse treino, toda essa coisa maravilhosa, você escreveu o *Principia Mathematica*, você mostrou que você é um baita de um lógico, só que você não pode aplicar essa lógica ao estudo de nada real; você vai ter de usar outra lógica, e você vai errar tanto quanto qualquer outra pessoa. Mas isso não impede que essa escola tenha se expandido de maneira absolutamente formidável até chegar a teologia analítica.

“Terceiro: o padrão de qualificação tornava-se uniforme e facilmente aplicável como em um campeonato de tiro ou nas artes marciais.”

Quer dizer, o domínio que você tem de uma técnica lógica é fácil de você provar. Você dá lá meia dúzia de exercícios e o cara ou faz ou não faz.

“Em vez da livre concorrência no mercado das idéias, o que determinava a ascensão ou fracasso na carreira era agora a maior ou menor adequação a um critério pré-estabelecido [1:10]

facilmente consolidado em regulamentos burocráticos. Não é preciso dizer que esses fatores davam à Escola um poder quase ilimitado de censura e exclusão.”

Foi assim que eles dominaram as faculdades dos Estados Unidos e da Inglaterra.

“O que basta para explicar a rapidez com que, partindo da Inglaterra, dominou as universidades americanas. Na medida em que a instituição universitária monopolizava o estudo da filosofia, os efeitos se seguiram inapelavelmente.”

Daqui um parágrafo do Harry Redner:

“Após a segunda guerra, a filosofia sessou quase completamente de atrair uma *intelligentsia* de livres pensadores independentes. Isto é, intelectuais sem firme afiliação institucional, acadêmica ou clerical, como o tinha feito antes. Os únicos que restaram fora das instituições acadêmicas foram o ideólogo político, um ou outro raro jornalista, ou alguns tipos de pensadores religiosos, poucos dos quais tinham algum interesse em filosofia.”

Quer dizer, termina a segunda guerra, a filosofia recua maciçamente para dentro das universidades e sai do campo de discussão pública. Na França isso aconteceu menos; logo mais veremos esse caso.

“Dois importantes intelectuais americanos perceberam em tempo o curso maligno que as coisas iam tomando. O Sociólogo C. Wright Mills, em sua tese de doutoramento, assinalou que o auto-exílio da filosofia para dentro das universidades bloqueava a ação de uma *intelligentsia* relativamente livre, produzindo-se de um lado a atrofia da atenção pública à filosofia e de outro lado o declínio da qualidade da produção filosófica mesma. O filósofo John Dewey lamentava “a retirada da filosofia da cena presente”, e enfatizava que a verdadeira filosofia nasce das pressões e dificuldades vida social, não de um círculo iniciado em que “a nova escolástica critica as críticas com que outros escolásticos criticaram outras críticas”.

Eu queria dar agora alguns esclarecimentos sobre essa questão que surgiu graças ao senhor Marco Antonio Villa. Independentemente do aspecto bélico-jurídico da questão, que não é propriamente nosso assunto aqui, o essencial das afirmações dele foi: em primeiro lugar, que “o PT não é um partido comunista porque o comunismo”, segundo ele, “na sua versão clássica soviética é a estatização dos meios de produção, e não é isso que o PT busca. O PT está construindo um poder de tipo patrimonialista”.

Em primeiro lugar, a estatização dos meios de produção não é a definição do comunismo. É a definição nominal de uma das acepções do termo comunismo. Na verdade, a estatização dos meios de produção é colocada como um ideal, uma meta a ser alcançada no caminho para o comunismo. Ou seja, simplesmente não é possível que o comunismo comece pela estatização dos meios de produção; antes de ser uma força que vai estatizar os meios de produção, ele é uma força revolucionária que tem de tomar o poder, e a maior parte da sua história transcorre justamente nesse aspecto, com a tomada do poder. A estatização dos meios de produção só seria possível depois que o partido comunista tivesse o poder total. Então a estatização dos meios de produção não é a prática do comunismo; ele é uma meta que é alegada para ser realizada depois disto, e mais disto, e mais disto, e mais disto. Portanto, a estatização dos meios de produção não é o comunismo de maneira alguma. É apenas um elemento do discurso comunista.

Para você definir o comunismo como ele é realmente, historicamente, você tem de pegá-lo em todos os seus aspectos e não somente numa das metas alegadas, que na verdade jamais

chegou a ser realizada em parte alguma. Se o comunismo é a estatização dos meios de produção, então o certo é dizer o seguinte: jamais existiu comunismo. Sobretudo no caso soviético, que ele citou, essa estatização foi realizada de maneira muito incipiente, muito parcial. Propriedade privada dos meios de produção e economia de mercado continuaram existindo na União Soviética durante todo o tempo. De maneira clandestina, mas aceita; o governo fazia vista grossa. Se aplicarmos essa definição nominal à análise do comunismo, então jamais teria existido comunismo algum no mundo. Existe uma infinidade de livros sobre a economia soviética que mostra exatamente isso e o Villa provou não ter lido absolutamente nada.

Em segundo lugar, quando ele toma a definição nominal de um termo e aplica a uma entidade real — quer dizer, ele está comparando a definição nominal ou ideal do comunismo à realidade do PT — ele está falhando a uma regra elementar da metodologia histórica, que é a seguinte: todo paralelo histórico só pode ser feito de ideais com ideais e de fatos com fatos. O que ele fez foi: os ideais deste e as realizações efetivas daquele.

Em terceiro lugar, se ele ataca o PT pela sua corrupção e diz que o PT não é um partido comunista porque comunismo é o ideal da estatização dos meios de produção, ele está atacando o PT para salvar a imagem do comunismo. Isso pra mim é mais do que óbvio. Como ele faz acompanhar isso de uma negação da importância do Foro de São Paulo, que é evidentemente o fator mais importante nessa história, então ele está não somente apenas salvando a imagem do comunismo, mas acobertando o Foro de São Paulo. E isso ao mesmo tempo que é óbvia a conexão da roubalheira petista e o Foro de São Paulo, porque o movimento comunista latino-americano está se alimentando de dinheiro roubado das estatais brasileiras; portanto é evidente que há uma conexão. Para onde está indo o dinheiro? Está indo para a Venezuela, Cuba, Angola etc. Nem só continental, mas de outros continentes; o movimento comunista mundial está se prevalecendo e está se beneficiando do dinheiro roubado das estatais brasileiras. Então como é que não há conexão? É absolutamente impossível.

Em quarto lugar, quando se diz que o PT não é um partido comunista, é esquecer que durante a maior parte da sua história o comunismo atuou através de partidos que não se apresentavam como comunistas, mas que tinha a comunicação tática, estratégica e organizacional com o partido, como o PT tem ligações com o Foro de São Paulo e outras organizações notadamente comunistas, atuando numa estratégia conjunta. Eles mesmos confessam. No vídeo do terceiro congresso do PT, o PT admite: olha o Foro de São Paulo é o comando estratégico da esquerda latino-americana. Portanto, o PT, como um dos partidos membros — embora seja o fundador —, obedece a orientação do Foro de São Paulo. Ele está inserido dentro da mesma estratégia, que é uma estratégia comunista. [1:20] Portanto não tem como escapar da conclusão de que o PT (quer se apresente ou não como um partido comunista) atua dentro da esfera comunista e, portanto, é comunista no sentido efetivo da coisa, não no sentido do discurso.

Por isto mesmo é que o caso do Odilo Scherer se classifica perfeitamente dentro dos delitos apontados na famosa sentença de Pio XII e, sobretudo, na de João XXIII, que é de 1966, onde João XXIII esclarece que não é lícito ao católico colaborar com organizações comunistas, mesmo que elas não professem abertamente uma doutrina anticristã, e mesmo que ela se apresente como cristãs, contanto que na sua prática ela se associem e beneficiem organizações comunistas, que é exatamente o que faz a CNBB inteira.

Portanto, claro que se pode discutir tecnicamente se a pena da excomunhão automática já está

em vigor sobre o senhor Scherer ou não está, se deve ser aplicada ou não, sei lá. Pode se discutir tecnicamente isso, mas o delito que justifica a aplicação da pena é real e inegável. Pode se dizer que a pena só se aplica se o sujeito fizer isso com plena consciência de que está fomentando uma política anticatólica.

Ora, o PT dá apoio manifesto a todas as ditaduras islâmicas que estão matando cristãos, meu Deus do céu! Ao apoiar o PT, o senhor Scherer está apoiando o partido que aplaude a matança de cristãos. Ou será que ele não sabe disso? Nesses dias mesmo foi pego um cara que era um agente terrorista e era alto funcionário do PT. Além disso o apoio diplomático do PT a essas ditaduras islâmicas é ostensivo; é uma coisa pública e notória; não há como negar. Então, como é que o senhor Scherer não sabe que está apoiando forças anticristãs.

“Ah! eu apoiei, mas não foi essa a minha intenção.” Isso aí é a mesma coisa que dizer: “eu comi a mulher do vizinho, mas eu não tinha nenhuma intenção adúltera”. Não, você não teve intenção adúltera, você teve intenção apenas de comê-la. Na hora você evidentemente não pensou em adultério porque para pensar em adultério seria preciso você pensar no marido dela. Na hora que você está transando com a mulher, você não vai pensar no marido, mas vai pensar nela, evidentemente.

“Então na hora eu não sabia que era adultério. Eu só sabia que era uma transada como qualquer outra.” É a mesma coisa. Quer dizer, é uma alegação de inocência que para ser real teria de raiar a imbecilidade pura e simples. Então ou o sujeito está confessando: “eu sou um imbecil inocente, que faço as coisas sem saber” ou então “eu sabia perfeitamente que eu estava ajudando o partido que não apenas é sócio do movimento comunista latino-americano, como é parceiro diplomático de ditaduras que estão matando cristãos a granel”. Não é possível que o sujeito faça tudo isso sem saber.

Portanto, a questão das intenções pode ser alegada para isentá-lo talvez da pena. Nesse cenário. Ele não estaria excomungado automaticamente porque ele não sabia o que estava fazendo. Porém, se ele não sabia o que estava fazendo, ele não pode de maneira alguma exercer esse cargo de bispo. Ele está abaixo das qualificações. Então ele tem de escolher: “ou eu sou um idiota completo, alguém indigno de estar aqui guiando vocês porque eu não sou capaz de guiar nem a mim mesmo”, ou então “de fato eu estou excomungado *latae sententiae* por ter apoiado organizações comunistas e pró-comunistas.”

Pior: a CNBB ela própria se torna uma dessas organizações pró-comunista que se apresenta como cristãs, como disse João XXIII. Ele disse: “mesmo que a organização nada diga contra a doutrina católica e se apresente como cristã, não é lícito apoiá-la se ela estiver conectada de algum modo, associada e ajudando o movimento comunista.” Então é claro que não só o PT faz isto, mas a CNBB faz isto. Então o simples fato de ajudar a CNBB já o expõe a excomunhão automática, ficando isentos dela somente aqueles que fizeram isso sem saber. Por exemplo, você pega o Zé Mané da esquina que trabalha de frentista do posto de gasolina, e você deu lá um santinho do candidato do PCdoB pra ele votar e ele votou. Ele não sabe o que é comunismo, não sabe o que é PCdoB, não sabe nada e votou. Então esse tá inocente e é claro que ele não vai ser excomungado por causa disso.

Mas que o sujeito que não apenas é o bispo, mas é o presidente da conferência dos bispos, o líder católico de maior projeção do país não saiba o que está fazendo? Não saiba que o PT não é apenas um partido pró comunista, mas é o pai fundador do comunismo latino-americano na sua presente fase. Ele é na verdade o comando do Foro de São Paulo. Embora ele seja obrigado a obedecer a decisões da assembléia geral, foi ele quem botou a máquina em movimento.

Então ele é o chefe do comunismo latino-americano. Não tem como escapar disso aí.

Para discutir tecnicamente e saber qual foi o nível de intensão dele nisso aí, teríamos de levar para o Tribunal do Santo Ofício e discutir lá. Mas para colocar a penalidade em discussão é necessário em primeiro lugar admitir o delito. Então nós vemos que esta semana nós tivemos aí um confronto com dois mentirosos e a coisa mais característica é o seguinte: logo depois desse caso do Scherer, apareceram manifestos, abaixo-assinados, manifestações de solidariedade. Todo mundo fazendo solidariedade: “Onde já se viu, nosso bispo foi ofendido, coitadinho etc.”; mas ninguém discute a questão central que eu levantei: ele está ou não está submetido a excomunhão automática por ter ajudado organizações comunistas? Esse é o ponto que eu levantei.

Note bem, quando você recebe uma acusação e quer se livrar dela por meios fraudulentos, quer ludibriar a sua platéia, a primeira coisa que você faz é falsificá-la. Por exemplo: “Don Odilo Scherer foi acusado de ser comunista.” Não. Se ele fosse comunista, ele estaria fora da Igreja automaticamente; não estaria nem nela; jamais teria entrado. Segundo: a sentença de Pio XII, confirmada por João XXIII, não é contra comunistas. Você já pensou a Igreja ficar excomungado o Nikita Khrushchov ou Karl Marx. Não faz sentido. Eles nunca foram católicos. A sentença é contra católicos que ajudam organizações comunistas. Não contra o sujeito que é comunista. Então eu nunca disse isso. Mas para facilitar a defesa é melhor falsificar a acusação. Ou seja, você acusa o sujeito de uma coisa e eles o defende de outra acusação que eles mesmo inventaram. Essa é a primeira coisa.

Segunda: Quando você em vez de responder formalmente à acusação — que foi menos uma acusação do que uma suspeita que eu levantei, porque eu não sou nenhuma autoridade em teologia, eu não posso afirmar categoricamente que esta penalidade se aplica a ele, mas parece que sim pela letra do texto e pelo novo código de direito canônico —, quando você transfere a discussão desse ponto, que é muito preciso, para as manifestações de solidariedade, para reclamações quanto ao estilo em que foi feito a acusação — já que, inclusive, eu meti lá uns palavrões, pelos quais eu peço desculpas, porque os palavrões não têm nada a ver com a história, eles só desviam a atenção; eles são inteiramente desnecessários (não que não sejam merecidos, mas são desnecessários, e só embolam o meio de campo) —, em vez de discutir o ponto central eles partem para o problema da solidariedade, para dizer que a maioria dos fiéis ficará do lado do bispo. Ou seja, transferem para uma questão de poder e prestígio. E isto é uma característica inconfundível da cultura do fingimento. Onde não se discute as coisas que estão acontecendo, mas coisas hipotéticas que só existem numa fantasia e, vamos dizer, os problemas são transferidos para uma esfera da imaginação e do fantástico. É exatamente o que está acontecendo.

É claro que num ambiente onde foi destruída a alta cultura não é possível você levantar nenhuma questão em nível academicamente responsável. Você só pode discutir na esfera dos chavões jornalísticos e, portanto, da falsificação. Por exemplo, discutir se o PT é um partido comunista ou não. [1:30] Olha, eu nunca uso os termos comunista, fascista, agente de influência, como insultos. Esses termos são conceitos descritivos, e não tome podre para você jogar na cabeça dos outros. Se eu estou dizendo que o PT é um partido comunista, e é o fundador e dirigente do movimento comunista latino-americano, isto é um conceito descritivo científico e eu deveria ser respondido nesse mesmo nível. Mas eu não posso, porque se o sujeito situar a questão no nível científico em que eu estou colocando, ele terá que me dar razão. Por causa disso, é necessário baixar para o nível dos chavões jornalísticos, pegar termos que deveriam ser conceitos descritivos — por exemplo, “fascista” — e usá-los como insultos; o sujeito não sabe como xingar o outro, então o chama de fascista.

Mas o Villa chegou ao absurdo total de me atribuir a defesa do Estado forte. Ora, eu nunca defendi nenhum modelo de Estado, mas há certos pontos específicos que eu combato e o Estado forte é evidentemente um deles. Todo mundo sabe disto aí. Quer dizer, tudo aquilo que aumenta o poder do Estado eu tenho falado mal. O que não quer dizer que eu tenha uma fórmula liberal na cabeça para oferecer para vocês. Não tenho.

Mas — e até eu comentei esses dias — lendo os trabalhos do Ricardo Vélez Rodríguez, que é um estudioso venezuelano que mora no Brasil, sobretudo o livro *Pensamento Brasileiro Contemporâneo*, você vê que as várias correntes que ele descreve se distinguem menos por divergências teóricas ou filosóficas do que por ideais políticos diferentes. E isto é um sinal de inferioridade muito grande, porque se não há primeiro uma divergência filosófica profunda — e baseado nela você pode até ter diferenças de ideais políticos —, se, ao contrário, o ideal político que é o importante, então o debate está mais no nível jornalístico do que no nível filosófico e científico.

Isto é muito comum no Brasil. Por exemplo, quais são as divisões da filosofia européia? Ninguém vai dizer esquerda e direita. Existem pragmatistas, existem existencialistas, existem fenomenologistas, existem idealistas etc. Ou seja, são diferenças filosóficas. E as diferenças filosóficas não correspondem necessariamente a determinadas diferenças de ideais políticos. Por exemplo, existem idealistas ou fenomenologistas de direita, outros são de esquerda e outros não são nada. Agora, se a diferença de ideais políticos é que se torna o grande critério diferenciador, então é a mesma coisa que dizer que nós não temos debate filosófico e nem sequer sociológico, só temos debates políticos. Na verdade, hoje não temos nem isso.

Isso quer dizer que o que quer que você diga, opine, sobre o que quer que seja, será sempre interpretado como expressão de um ideal político. Agora, eu sei o seguinte: qual é o meu ideal político? Eu não tenho nenhum. Eu não me considero capacitado para formular o esquema de um Estado ideal que eu gostaria. Não tenho capacidade para isso. Eu só examino pontos específicos. Ou seja, eu nunca fiz uma doutrina geral (doutrina no sentido de uma ideologia); não tenho fórmula ideológica nenhuma. O dia que eu pus no meu site a fórmula da minha composição ideológica, eu já usei a palavra composição de propósito, porque estou compondo com coisas diferentes e até incompatíveis entre si.

Veja: o Villa também me descreveu como um apóstolo da intervenção militar, mas se vocês acompanhem tudo o que escrevi sobre a intervenção militar verão que em nenhum momento falei nem contra nem a favor. Eu estou apenas analisando a coisa porque me parece que a idéia de uma intervenção militar ou de um movimento civil que vai derrubar o governo é uma coisa tão complexa, ela tem tantos lados, tem tantos problemas ali dentro que alguém tem de esclarecer.

Por exemplo, eu cobre dos intervencionistas isso: “bom, você quer uma intervenção militar? Para uma intervenção militar precisa isto, e mais isto, e mais isto, e mais isto, e mais isto. Como é que você vai fazer? Você já parou pra pensar cinco minutos? Nem pensou cinco minutos”. Por exemplo, fazemos uma intervenção militar, derrubamos o governo e fazemos novas eleições. Muito bem, quais serão os candidatos que serão admitidos nas novas eleições e quais serão vetados? Você tem a ficha de um por um? Não tem. Nem isso você fez. Então não dá para se convocar novas eleições; você não sabe como convocar novas eleições. Então por que você está pedindo uma intervenção militar cujos efeitos imediatos você não é capaz de imaginar? Na verdade, eles estão falando como bobocas que querem uma coisa sem saber o

preço. É como o garoto filho do pobre trabalhador que exige que o pai compre um Rolls-Royce. Não está sabendo o que está falando.

Todos os esclarecimentos que eu fiz foi neste sentido: eu não sei se deve haver uma intervenção militar ou não; eu não tenho a menor idéia disso. Eu não costumo dizer para as pessoas fazerem coisas que eu mesmo não sou capaz de fazer. Eu sou capaz de planejar uma intervenção militar, de ter uma visão dos desdobramentos disso? É claro que não. Se alguém no Estado-maior está pensando nisso, tomara que pense direitinho e faça o plano todo direito.

Agora, analisando pelo outro lado: vocês são contra a intervenção militar? Como é que vocês farão uma intervenção civil e derrubar o governo sem apoio militar? Você derruba o governo Lula, fecha o PT e no dia seguinte tem tropas venezuelanas e cubanas aqui dentro. O que é que você faz? Você vai chegar para os milicos, esses mesmos que você estava xingando até à véspera na base de “Seu fascista! vai pra casa, não queremos mais ditadura!”, e dizer “agora vem aqui me defender”? Tudo isso é enormemente complexo. As duas funções são difíceis de ser mantidas. Eu só estou fazendo um apelo à abordagem responsável das coisas.

Quer dizer que antes de ser contra ou a favor de uma coisa, você tem de saber que coisa é essa, quanto custa, que conseqüências têm. Em nenhum momento eu tomei partido. Eu disse uma vez, por exemplo, que se eu fosse um general, eu já teria feito uma intervenção, porque moralmente é impossível um general ver tudo isso e não ficar indignado, não querer agir. Vejam bem, se eu fosse um general, coisa que eu não sou. Não sou sequer um oficial de estado-maior. Sou capaz de fazer um plano de golpe militar? De jeito nenhum. Isso leva dois anos para fazer. Além disso, é preciso ter informações que eu não tenho; qualificações profissionais que eu também não tenho. Eu não sou capaz de ficar pedindo para o outro fazer uma coisa que eu nem sei o que é. E também não sou capaz de ficar combatendo o sujeito dizendo: “não faça.” Eu não posso dizer nem “faça” nem “não faça”. A coisa é complicada de mais.

Em terceiro lugar, essas coisas não se decidem pela vontade do seu fulano: “Eu quero um golpe militar ou eu não quero”. Ao invés, são decididas por um processo histórico muito complexo. Provavelmente eu acho que se um movimento civil continuar, e começar a bater muito forte no PT e acertar no Foro de São Paulo, pode haver uma reação militar do outro lado, e daí os militares vão ter de entrar em cena. Se isto será o que eles chamam intervenção militar constitucional ou um golpe de estado, até hoje eu não consegui ver direito onde termina uma coisa e onde começa a outra. Eu não sei, mas me parece que, por exemplo, num caso de guerra você entra naturalmente em um estado de sítio e um estado de sítio confere ao governante poderes extraordinários que não são os da Constituição. E quem será o governante? Certamente não será mais a Dilma. Pode ser algum general. Então tudo isso é de uma complicação enorme, e eu acho que não cabe a mim ficar levantando bandeiras, exceto em casos muito determinados e particulares.

Prestem atenção: tudo aquilo que eu digo “pró” e “contra” é sempre um caso concreto determinado. Por exemplo, nesse caso da Smartmatic, eu sou a favor da averiguação. Não é possível os caras nos querer fazer engolir uma apuração secreta e nós termos de dizer amém, sem sequer poder pedir uma investigação. Então nesse caso é claro que sou a favor da investigação. Mas é um ponto determinado. Eu não tenho modelo de Estado; sou contra fórmulas doutrinárias gerais. No mínimo, porque vai terrivelmente contra o meu temperamento; eu não sou disso, não gosto disso, tenho horror disso, tenho preguiça de ler essas coisas. O sujeito diz: “Está aqui a suma das doutrinas liberais, da doutrina fascista.” Eu digo: “então você me mostra primeiro onde isso existe historicamente e daí eu vou estudar”. Tudo o que não me interessa nessas fórmulas doutrinárias, me interessa na realidade dos

regimes: o que eles estão fazendo mesmo. A realidade histórica me interessa, mas essas doutrinas é só falando com o desprezo do Napoleão Bonaparte: Isso é *les idéologies*. Ideologias são pretextos. Elas só interessam na medida em que elas têm uma conexão [1:40] com um esquema de poder real. Isso é o que eu tenho feito.

O sujeito me atribuir a defesa, a apologia do Estado forte, isso aí é difamação mesmo. E segundo, o sujeito repetiu duas vezes; não foi um erro de momento. Se ele fizer uma terceira vez, ficará caracterizado uma campanha de difamação e daí eu vou ter de tomar uma providência. A Veja já pediu penico de algum modo; o Carlos Graieb já me mandou uma carta; a Joice Hasselmann escreveu ao Felipe Moura Brasil: “Peça desculpas ao professor Olavo e tal.” Preciso até publicar esses recadinhos; só não publiquei ainda porque estou esperando que eles marquem a entrevista que disseram. Ver se essa entrevista tem limite de assunto ou não. Se disser: “você fale o que quiser, mas não mexa no Villa”, então não quero a entrevista; vou voltar para a boa e velha via judicial.

Quanto ao Villa, analisando a conduta dele — antes o pessoal xingava ele de desinformante, mas era xingamento e então eu não levei a sério —, vendo esse empenho sistemático dele de acobertar o Foro de São Paulo e de não comprometer a imagem do comunismo num esquema de roubalheira que existe para fortalecer o comunismo, isso aí não é só distração ou idiotice, isso aí tem coisa. Então me parece que o homem é um desinformante mesmo; e nesse sentido é um cara perigoso. Quer dizer, perigoso se você acreditar nele; se não acreditar não tem problema algum.

Então, feito esses esclarecimentos, quero responder pelo menos uma pergunta, só para não dizer que não respondi nenhuma.

Aluno: Presumo que somente um leitor com mentalidade filosófica, ou mais precisamente um filósofo, seja capaz de extrair a atividade pressuposta nas obras escritas dos filósofos, como o senhor fez com a Teoria dos Quatro Discursos. Isso resgata o que já foi ensinado no Curso Online de Filosofia, que para o verdadeiro ensino da filosofia é preciso ter contato com um filósofo vivo, em atividade. Tendo isso em vista, haveria alguma razão para o fato de que do círculo de alunos do Mário Ferreira do Santos não tenha saído nenhum filósofo?

Olavo: Olha, essa é uma pergunta crucial. Eu não conheço todos os alunos do Mário Ferreira, mas eu vi que alguns deles — com base no que aprenderam com ele subiram na vida, progrediram etc. — tinham uma extrema má vontade com ele. Teve um que eu fui pedir ajuda dele para trabalhar os escritos do Mário Ferreira e o cara disse: “Ah, mas o Mário tinha aquele negócio esotérico.” Falei: espere aí, que eu saiba você é Maçom e portanto você é esotérico; tão esotérico quanto ele, ou talvez mais um pouco. Ou seja, que tipo de pessoa viria com essa frescura?

Tinha outro, um padre, que disse: “ah, o Mário era um discípulo de Nietzsche.” O Mário foi discípulo de Nietzsche aos três anos de idade, depois ele evoluiu tão, tão, tão, tão acima, que tornou-se descomunalmente independente de Nietzsche. Falar nesses termos é aviltar a memória do homem. E assim por diante. Todos os discípulos dele faziam alguma coisa pra dizer: “É, ele tinha lá suas qualidades, mas...” Uma coisa de uma desproporção! Então eu digo: você é capaz de fazer algo melhor do que o Mário? Então faça! Mas é aquela coisa brasileira: um faz e o outro, em vez de fazer, fica só depreciando, justamente para não ter de concorrer.

Eu não sei que tipo de gente freqüentou os cursos do Mário. Eu sei, por exemplo, que o Paulo Maluf foi aluno dele, mas foi aluno do curso de oratória; está menos culpado. Talvez ele nem

soubesse da filosofia do Mário. Mas tem uma coisa que eu pergunto: será que no próprio trabalho do Mário não existe algum motivo para não ter produzido nada? Existe: o Mário expunha tudo em termos de conclusões doutrinárias, ele estava formulando um sistema filosófico. Pronto: um sistema filosófico que ele intuiu e sacou tudo de uma vez. Em dezesseis anos, produzindo um livro atrás do outro, ele foi expondo aquilo. Simplesmente não teve tempo para educar os seus alunos filosoficamente. Eles ouviam o Mário falar e ficavam com cara de bobo, que nem o Pedro levando bronca da mãe: “Você é pofissola?” Eu acho que eles ficavam assim!

O Mário foi um grande filósofo, o maior que já existiu na América Latina inteira. Era um grande conferencista, mas nunca foi um grande professor. Não deu tempo de ele ter a preocupação pedagógica. Quando ele tinha, só atrapalhava. Por exemplo, no livro *Filosofia e Cosmovisão* ele tenta ser pedagógico e daí essa parte do livro é a pior que tem. Daí de repente ele volta a ser o Mário Ferreira dos Santos e faz aquelas exposições sistêmicas absolutamente brilhantes nos dois capítulos finais, que daí já ninguém mais entende. A parte do Mário que todo mundo entende não vale grande coisa e a que vale ninguém entende. Porque precisa anos realmente de imersão, de exame etc.; e aos poucos você vai vendo a grandeza imensurável desse filósofo.

No tempo que ele ainda era nietzschiano, dizem que ele estava fazendo uma conferência e de repente ele teve um estalo, e então disse: “vocês me desculpem, tive uma idéia e vou para casa escrever.” Passou dezesseis anos escrevendo. Saíram cinquenta e tantos livros nesse período: um a cada três meses. Ele não teve o menor tempo para tentar dar uma formulação pedagógica para aquilo. Foi um estalo, uma iluminação espiritual que ele teve e nós não podemos condená-lo pela sua obscuridade, pela sua dificuldade. A verdade é que se deu tempo de registrar tudo isso, já é um negócio absolutamente formidável.

É que nem o caso do Jakob Böhme que tinha aquelas intuições fulgurantes e escrevia numa linguagem que ninguém entendia. Bom, depois a gente troca em miúdos. O Mário mesmo dizia que depois que ele morresse as pessoas iam dar um jeito nos textos dele. E o pessoal não quer dar; eles querem simplesmente imprimir e ganhar algum dinheiro.

Então é isso: eu acho que em parte o ambiente não foi favorável. Uma coisa que não era favorável no ambiente era a própria descrença. As pessoas viam o Mário falando, ouvia aquelas coisas e ficavam com dúvida. Eu também tive. O primeiro livro do Mário Ferreira que eu li foi o *Pitágoras e o Tema do Número*; quando terminei, falei: ou esse cara é completamente louco, ou ele é um dos maiores filósofos de todos os tempos. O livro era uma impressão vagabunda, barata, a linguagem toda estropiada. Então a primeira hipótese parecia ser a mais confortável: ah! o cara é louco, esquece isso. Só que eu não fiz isso. Eu tinha muito desejo de encontrar uma coisa boa e valiosa no pensamento brasileiro e não joguei essa oportunidade fora. E fui me aprofundando no Mário e cada vez a minha admiração por ele foi crescendo mais, e mais, e mais. E hoje eu tenho certeza que, no mínimo, você pode dizer que ele foi o maior filósofo da América Latina de todos os tempos; no mínimo isto aí. Um dos maiores do mundo. Talvez o maior do mundo nesse período em que ele viveu.

Mas eu acho que aquele público dizia: “Filosofia no Brasil? Esse cara não pode ser tudo isso que ele está parecendo.” É aquela depreciação por hipótese que no Brasil é tão comum. Eles viram o gigante, mas só enxergaram o sapato dele. Foi esse um dos problemas. E por outro lado ele mesmo não teve tempo de se explicar melhor e mais pedagogicamente, embora ele o quisesse. Ele queria, mas, gente, não dá tempo. Você veja o tamanho do que ele fez em dezesseis anos. Ele era um homem doente. Ele tinha um problema cardíaco seríssimo; morreu

disso. Um homem gordo, enorme, com o coração falhando e ainda escreveu tudo isso: escreveu, escreveu, escreveu e “Pum!” morreu. Ele fez mais do que podia. E ainda você vai querer que ele troque em miúdos e seja pedagógico? Não. São os seus discípulos que têm a obrigação de fazer isso, mas eles o depreciaram; eles não tiveram idéia do tesouro que tinham na mão.

Aluno: Quanto ao Villa, acho que ele se equivocou e não consegue sustentar a posição. No entanto ele levanta uma questão que eu gostaria que o senhor examinasse. Ele argumenta que o que está por trás do PT é um espírito de caudilhismo latino-americano e não a bandeira socialista.

Olavo: Isto é uma bobagem total. É só ler as intervenções do PT no Foro de São Paulo, ler os documentos internos do PT e ver que esse caudilhismo é uma coisa que ele atribui de fora ao PT, em caráter pejorativo; ele está xingando o PT disto aqui. Isso não é uma análise objetiva. Quanto a essas grandes negociatas que o PT fez: você me mostre algum partido comunista que não tenha feito quando estava no poder. Todos eles agiram exatamente assim.

Agora, você acha que o comunismo é aquela coisa pura, que o sujeito chega lá: “Tomei o poder! Agora está tudo estatizado, já virou o socialismo, e amanhã ou depois abolimos o estado e vai ser o comunismo”. Isso aí é história da carochinha. Só uma criança pode pensar isso.

Na verdade, há todo um processo, a práxis, a dialética etc. [1:50] Veja, até dei um exemplo (esse pessoal é muito simplório quando analisa o comunismo): tenho certeza de que se você não é capaz de ler um livro de Hegel do começo ao fim, então não é capaz de entender o comunismo, porque Marx leu muito Hegel, e o Hegel todo está embutido dentro do marxismo. Então a técnica, o fundamento lógico do marxismo está em Hegel. Se você não é capaz de ler Hegel — e, olha, não é qualquer um que é capaz de ler Hegel — você nunca vai entender o comunismo.

Eu contei a minha primeira experiência na militância comunista, que foi a participação numa eleição do sindicato dos jornalistas de São Paulo, na qual haviam duas chapas, as duas comunistas. Só que uma, que era a mais antiga, que já estava no sindicato fazia vinte anos, já tinha acusação de corrupção, estava totalmente suja. Então essa chapa consentiu em fazer o papel dos pelegos da Direita para estender o tapete vermelho para a outra tomar o sindicato. Aliás, era o seguinte: ou o sindicato ia para o brejo, de tanta acusação de corrupção, de tão desmoralizado que estava, ou tinha de colocar uma nova chapa para ocupar o espaço. Os comunistas sempre estão dispostos a fazer sacrifício da sua vaidade pessoal pela glória do partido. E eles fizeram; eles consentiram em levar os ovos podres na cabeça para que a outra chapa entrasse. Foi só algum tempo depois que eu soube que todos aqueles que nós chamávamos de pelegos direitistas eram membros do partidão também. Muito respeitados lá dentro; a briga era só pra fora.

Então essa foi a minha primeira lição de práxis dialética; a mais simplesinha que tem e o pessoal até hoje não absorveu sequer esta. Por exemplo, o próprio Villa não tem a menor idéia de que um partido comunista pode adotar uma política caudilhistas quando lhe convém; sobretudo quando ele precisa consolidar o seu poder. E ele precisa de dinheiro para isso.

Onde os partidos comunistas arrumavam dinheiro? Roubando. Sempre foi roubando. Por exemplo, o partido bolchevista se alimentava de assalto a trens. O grande assaltante de trens e fornecedor de verbas para o partido era Stalin. Porém, se você não está num momento de revolução armada, se você foi eleito pelo voto democrático etc., você não vai poder assaltar

trem nem banco; então tem de inventar outro tipo de roubo. Passa dos assaltos que tinham na década de sessenta, setenta ao roubo. A diferença entre assalto e roubo é que o assalto usa um meio violento e o roubo não. Em vez de chegar lá e encostar o revólver na cabeça do caixa e dizer: “Me dá o dinheiro”, você faz uma trama lá no papel. Foi esta a mudança. Enriquecer através do assalto ou do roubo é uma constante de todos os partidos comunistas.

Usar esse termo “caudilhismo” é só enfeitar; é uma figura de linguagem; isso não é um conceito científico de maneira alguma. Você chamar o Lula de caudilho é xingá-lo; é compará-lo ao Vargas, ao Borges de Macedo, até o Leonel Brizola. Mas leia todos os documentos do Foro de São Paulo, os documentos internos do PT e você verá que ali está traçada a estratégia. Não tem nada de caudilhismo. Caudilhismo é um conceito que vem de fora; um carimbo que vem de fora com finalidade apenas depreciativa. Não que o PT não mereça ser xingado de qualquer coisa. Tudo que você xingar o PT serve; até caudilhismo. Mas não venha me dizer que isso é um conceito descritivo válido e suficiente para diferenciar entre o comunismo e o partido que é o pai fundador e salvador do movimento comunista na América Latina.

Se você isola o PT do Foro de São Paulo — que ele criou e ao qual ele é totalmente fiel, o que é reconhecido por todo mundo, o Lula, as Farc, Luiz Felipe Lampreia, ou seja, é o comando da revolução latino-americana — se você isola, você não quer entender nada e então você vai ter de inventar um outro conceito qualquer para descrever esse PT que você inventou, que é um PT desligado do Foro de São Paulo.

Transcrição: Charles Santos
Revisão: Éricson Rojahn